

# SILÊNCIOS

**Luciano Marcondes Godoy**

*Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo*

*Muitas são as vivências que se expressarão em SILÊNCIOS. Muitos são os silêncios. No Bloco A, o silêncio denuncia a retirada para um outro mundo, a queda num abismo. No bloco B, o silêncio é controlador, exigindo a fala do analista, um jogo em que o que é falado não tem a menor importância. Surge ainda como expressão da necessidade de discriminar-se do analista e, na sua evolução, como um enfrentamento a um estado sem sentido. No Bloco C, o silêncio é agressivo, e a sobrevivência do analisando e analista ao mesmo criará um espaço que propiciará sonhos que surgirão no Bloco D. Esses momentos de silêncio-sonho são situações em que não há discriminação eu-não eu.*

*Descritores: Inconsciente. Linguagem. Processos psicoterapêuticos. Psicanálise.*

“O cachorro de Ângela parece ter uma pessoa dentro dele. Ele é uma pessoa trancada por uma condição cruel. O cachorro tem tanta fome de gente e de ser um homem. É excruciante a falta de conversa de um cachorro.”  
Lispector (1978, p.58)

“Não consigo compreender para os outros. Só na desordem de meus sentimentos é que compreendo para mim mesma e é tão incompreensível que eu sinto que me calo e medito sobre o nada.”  
Lispector (1978, p.57)

“O silêncio não é o vazio, é a plenitude.”  
Lispector (1978, p.53)

Este trabalho não pretende ser uma monografia sobre o tema do silêncio na psicanálise. Portanto, não tem o intuito de dissertar ou realizar estudo minucioso do tema. Nem tampouco pretende ser uma revisão bibliográfica. Trata-se de uma contribuição do autor, que teve sua atenção voltada para diferentes fenômenos que se processaram e se manifestaram também através do silêncio. Que transpareceram e foram vagamente nomeados através dos subtítulos das sessões apresentadas e comentadas. Como já dissemos, nessa exposição é secundária a importância do relacionamento das descrições citadas com o importante referencial teórico de que dispomos, embora ele seja sempre bem-vindo. Mas terá que ser *a posteriori*. Esse descuido com tais elaborações consagradas é aparente. Decorreu de um estado de descontração não premeditada, mas almejada, que penso ter sido conseguido. Talvez por isso estejam sendo descobertas situações já descobertas. Haverá algum mal nisso? Qual a contribuição? Acredito que, coerentemente com a proposta, as eventuais contribuições ou a ausência das mesmas não é motivo de preocupação nesse fluxo de idéias que transitaram nessas elaborações. Talvez algum acréscimo seja constituído pelo feitio desse exercício que procurou viver o processo da descoberta sem que algo fosse preestabelecido. Nem sequer o tema silêncio. Este surgiu ao se verificar semelhança nas diferentes vivências. Como um fato selecionado, no dizer de Bion. A sequência das sessões apresentadas, no entanto, é truncada, pois pertencem a diferentes analisandos em tempos diversos. A diferença separa. O tempo também procede assim. E esse é um outro tipo de silêncio: o que isola. Freud (1926) alerta-nos para isso em *Inibições, Sintomas e Ansiedades*, quando descreve o isolamento na neurose obsessiva compulsiva. Ocorre-me dizer que

Silêncio é ainda o universo em que vivemos. Nele existimos como vaga-lumes,  
e de tanto em tanto o pontilhamos com nossas minúsculas  
luzes, efêmeras e intermitentes.

E somente em temporadas de céu estrelado.

Há quanto tempo não vemos vaga-lumes?

Lembre-mo-nos também que esse inesgotável fenômeno não pode ser traduzido por “boca calada”, com muita frequência mostrando-se com maior plenitude na prolixidade, impregnando-a. Se tivermos presente essa consideração, talvez não nos incomodemos com aquelas situações em

consideração, talvez não nos incomodemos com aquelas situações em que alguém fica quieto e muito menos pediremos que se cale àquele que, falante, no entanto se asfixia com suprema dose de silêncio.

## **BLOCO A**

### ***Silêncio: fundo do olvido***

Na sessão anterior, este paciente conta ter passado muito mal à noite, com intensas cólicas intestinais que ainda perduravam. Sua fâcies era de abatimento e, alguns minutos antes do término da sessão, pediu para ir embora, acometido ainda pelas dores.

No início da sessão, após deitar-se, mantém-se em silêncio. Após alguns minutos, pergunto-lhe:

*A - Como está a dor?*

*P - Estou melhor. Fui dormir mais cedo.*

Volta ao silêncio. Difícil dizer volta ao silêncio inicial, já que sabemos da multiplicidade de silêncios possíveis. O silêncio já ia longe, digamos cerca de quinze minutos, e comecei a ser acometido pelo mesmo, com sonolência. Pergunto-lhe:

*A - No que está pensando?*

*P - Nada. Nada que ...*

Silencia por cerca de cinco minutos e este silêncio é por mim novamente interrompido. A bem dizer, sou eu que falo com o paciente. Seu silêncio não é interrompido.

*A - Você dizia “Nada que ...”, nada que tenha importância, suponho. Seria esse seu silêncio um silêncio repousante?*

*P - Não.*

Sua resposta foi lacônica. Tem continuidade o silêncio por cerca de dez minutos mais.

*P O Thô reivindicava ar condicionado. Pensava nisso e no prefeito drogado, com cara de drogado. Sei que você gosta de frio.*

*A - Talvez esteja me dizendo que o silêncio vivido é asfixiante e tóxico.*

Senti sonolência e equiparei o sono à ação de uma droga. Relendo a fala do analisando, parece-me nela estar contido algo do tipo “já que você gosta de frio como o Thô que reivindicava ar condicionado, lá vai frio para você na forma de silêncio” e parece-me ainda que o “ar condicionado” surge como expressão de um estado seu “condicionado”, preso a, sem liberdade. Sua fala é condicionada, restrita, racionada.

*P - Não! Eu estou me sentindo bravo.*

*A - Você fala estar bravo de uma maneira vaga ou dirigindo essa bravura a mim?*

Como veremos, a partir daí o silêncio é desfeito. O que é desfeito e que chamo de silêncio desfeito não é a ausência de fala do paciente que, embora racionada, já existia desde o início. O silêncio desfeito é um determinado estado desfeito, uma situação desfeita, algo que, ao surgir, vai-se impondo e desfazendo sua alegria de viver, e vai-se alastrando. E que o retira do contato comigo como se fosse tragado para um outro mundo. Agora é como se acordasse para um estado em que o contato é possível. Isso me parece o fundamental. Essa retirada para um outro mundo é assustadora e vivida via transferencial. Como se caísse num abismo e nada servisse para trazê-lo de volta.

*P Vago é difícil dizer. Mas não é dirigido ... Penso que é devido a uma frustração ... Tentei falar com minha fazenda pelo rádio e não consegui.*

*A - Falar pelo rádio é comunicar-se sem fio, não? Acho que o silêncio até então mantido poderia decorrer de uma necessidade sua de se comunicar comigo sem falar - sem fio - sem fio da meada - isto é, “pelo rádio”, pelo silêncio.*

Após uma pequena pausa, continuo:

*A Acha que faz sentido o que eu lhe disse? Ficou claro o que eu lhe disse?*

Depois de um breve silêncio, responde:

*P - Sim. A pergunta, sim. Quanto a fazer sentido, acho que não.*

Senti sua fala como pouco convincente, como se falasse por falar, algo sem consistência. Como se, recém saído daquele misterioso estado, recém emerso, ainda drogado pelo mesmo, não tivesse ainda se recuperado e seu entendimento e sua linguagem ainda avariados dessem provas disso.

Depois de nova pausa, pergunta-me:

*P - Você gosta de bacalhau ou de feijoada? O que você prefere? Eu prefiro bacalhau. Sinto repulsa em me lembrar de X. Acho que não quero mais qualquer contato com ele.*

*A - Você acha que eu prefiro bacalhau ou feijoada?*

*P - Não tenho como saber. Não sei porque me pergunta. Só poderia saber se sua secretária ou sua família me contasse.*

Egresso daquele insofrito estado, que cronologicamente durou minutos, mas que em vivência poderia ser medido por imensidão de tempo, acorda com muita fome, com um enorme vazio que precisa ser preenchido com uma copiosa e succulenta refeição. A bacalhoadada ou feijoada não seriam bem expressivas? Por outro lado, tal cardápio carregado no tempero bem poderia apontar para a urgência de se neutralizar o gosto sem gosto, a lhe amargar ainda a boca, daquele fantasmagórico estado do qual tão pouco ou nada sabemos. Portanto, a repulsa, afeto carregado de revolta, de ódio, também poderia aquecê-lo nesse retorno de um obscuro mergulho, até porque tais afetos são muito familiares. Sua fala “Não tenho como saber. Não sei porque me pergunta” desconhece completamente o fato de ter-me perguntado se eu preferia bacalhau ou feijoada. Mas é ao mesmo tempo uma intrincada metáfora. Por um lado, assim entendendo, significa o que constitui minha proposta anterior: está em recuperação da fria viagem empreendida. E, assim sendo, vai lá estar interessado em minha pessoa, no que prefiro ou deixo de preferir? Por outro lado, poderia estar dizendo: “Não sei o que se passa ou o que se passou comigo. Não tenho como saber.” E ainda: “ Não sei porque = por que = por o que me pergunta.”

Na ocasião, sem a cômoda condição de agora que o tempo e menor envolvimento me oferecem, a uma proposta simplista minha em que lhe chamava a atenção para o contraste que eu via entre os pratos apetitosos, tão atraentes, e a repulsa a X, portanto para a existência de forças antagônicas contribuindo para o seu silêncio, responde-me:

*P - Agora mesmo, enquanto você falava, eu pensava em ter uma espinha no fundo do ouvido. A coisa que mais gosto é espremer espinhas. As coisas são assim. E não tenho nenhuma espinha.*

Diz também que a espinha, sendo na cabeça, seria perto do cérebro. A idéia que eu captava era de algo perigoso. Bem poderíamos prosseguir com a idéia que precedeu essa fala do analisando, quando a reflexão que eu fiz falava nas forças antagônicas. Aqui também elas se configuram. À gostosura contida em sua fala “A coisa que mais gosto é espremer espinhas” opõe-se o perigo do ato, o perigo de morte de espremer espinha, conforme crença popular, ainda mais próxima ao cérebro.

*A Mas veja que a própria situação da espinha fala de algo desejável, tendo como contraparte algo perigoso. Como você disse, na cabeça, perto do cérebro. Entendo que você se sente como a espinha. Espremido entre duas forças antagônicas, quando daí fica em silêncio.*

Penso que seu silêncio é expressivo de um estado muito complexo e desconhecido. Minha formulação acima poderá, quando muito, estar apontando para algum dos múltiplos movimentos que se passam nessa galáxia distante. A bem dizer, não poderíamos dizer nem se existe vida nesse planeta. Ingenuidade, pois, querer explicá-la. “Agora mesmo, enquanto você falava, eu pensava em ter uma espinha no fundo do ouvido” Para certificar-se de que não me ouviria “no fundo do ouvido?” Como se me dissesse: “Não fique querendo entender! As coisas do fundo do ouvido são do fundo do olvido, do fundo do esquecimento, do fundo da memória, quiçá de um mundo de setenta milhões de anos atrás, do inconsciente que nunca foi consciente de Freud, do “O” de Bion, da coisa em si de Kant, da Paixão segundo G.H. de Clarice Lispector. Lá, nesse mundo fundo e sem fundo, ah! nesse fim de mundo, como eu gostaria de ter uma espinha. E não tenho nenhuma espinha.” Penso também que essa espinha quer isolar o campo, tampando o acesso ao “fundo”, ao “cérebro”, esse fundo que precisa ser preservado, daí ter-se que trancar o acesso. Pois há perigo de septicemia e morte com a comunicação feita via palavras configuradas em razão. A razão, a explicação não é um bom meio de cultura para esse algo secreto e seqüestrado de si mesmo. Mas essa espinha é também um lugar-tenente, algo que pode permitir o acesso a esse mundo,

talvez o “vir a ser O” de Bion, o “ser ou tornar-se”, ao invés de compreender. O espremer a espinha perto do cérebro é uma metáfora disso.

Susan Isaacs, em *Obras Completas III* de Melanie Klein, diz: “Os primeiros processos mentais, os representantes psíquicos dos instintos libidinais e destrutivos, devem ser considerados como a origem mais primitiva das fantasias.” Sabemos muito pouco, talvez menos ainda que pouco, a respeito de estados primitivos da mente. E por sabermos quase nada, é temerário até chamá-los de primitivos. O indizível não seria indizível pela qualidade ainda primitiva de nossa linguagem? Portanto, primitiva a linguagem e não a nossa intimidade mais íntima? Vide o cachorro de Ângela (Lispector, 1978, p.58), na abertura desse trabalho. Nosso universo mental recebeu um foco de luz com a genial visão de Freud, desenvolvida em seu trabalho *Os Dois Princípios do Suceder Psíquico*. Diga-se o mesmo com relação às duas fundamentais posições, esquizo-paranóide e depressiva, descritas por Klein, a qual, se pretendesse parafrasear Freud, bem poderia ter desenvolvido sua tese, chamando-a de “as duas posições do suceder psíquico” Mahler traz sua portentosa contribuição, falando-nos também de duas fases ou duas etapas fundamentais no desenvolvimento da vida mental, em seu livro *O Processo de Separação e Individuação*. Helen Keller (1982), cega, surda e muda, em sua autobiografia, citada por Susanne Langer em *Filosofia em nova chave*, dá-nos seu contundente testemunho do nascimento para uma outra vida, quando pôde desencadear sua capacidade de simbolização. Cassirer (1985), em *Filosofia de las Formas Simbólicas*, mostra-nos uma evolução, desde as chamadas formas expressivas de apreensão do mundo, passando pelas formas míticas, até as formas simbólicas, trajetória essa em que caminhamos desde a situação em que sujeito e objeto se confundem, até a situação em que o objeto exerce influência sobre o sujeito, para finalmente atingirmos aquele em que o objeto nos toca com cordialidade.

Em meu trabalho *Reflexões em Torno de Modelos. Figura F: um chiste visual?* (11/05/88), procuro colaborar com uma proposta em que o significado é privilegiado, apresentando-o como uma procura que pode chegar às raias da obsessão. Nesse escrito, através de uma singela figura, teço comentários e faço analogias, procurando mostrar o quanto incomodamente mobilizadora tal figura pode ser, e como poderia ser tomada

como modelo de situações emocionais para as quais as propostas existentes e acima enumeradas não se prestariam como continentes.

Parece-me importante e necessário, sob pena de maniqueísmo e de reducionismo ingênuo, ter presente a mente como um universo, parafraseando Freud, sugerir “os infinitos princípios do suceder psíquico” Quanto a isso, parece-me, somos tão pouco atentos como quando, tomados pela curiosidade, perguntamos sobre a vida em outros planetas, como seriam esses seres etc., sem dar-mo-nos conta das milhares de formas existentes em nosso planeta e em nós mesmos.

A recusa de meu analisando em falar, mantendo-se firme no silêncio, entre outros talvez traga este significado. Lembro-me que numa das vezes em que, tragado pelo silêncio, foi abordado por mim (talvez abordado seja mesmo o termo adequado), disse-me : “É preciso ter dignidade” Confesso que fiquei chocado. A carapuça parece ter-me servido naquele momento. Numa outra oportunidade, disse-me: “Eu, se fosse psicanalista, ficaria calado.”

Clarice Lispector, em *Um Sopro de Vida*, teria dito melhor:

Ela vive as diversas fases de um fato ou de um pensamento, mas no mais fundo de seu interior, é extra-situacional e no ainda mais fundo e inalcançável, existe sem palavras, e é só uma atmosfera indizível, intransmissível, inexorável. Livre das velharias científicas e filosóficas. (Lispector, 1978, p.45).

“Ângela é cheia de pré-palavras e desmaiadas visões auditivas de idéias. Meu trabalho é cortar o seu balbucio e deixar anotado apenas o que ela consegue ao menos gaguejar.” (1978, p.123).

“O meu nome pertence aos que me chamam. Mas meu nome íntimo é: zero. É um eterno começo permanentemente interrompido pela minha consciência de começo.” (1978, p.127).

Há um silêncio total dentro de mim. Assusto-me. Como explicar que esse silêncio é aquele que chamo de o Desconhecido. Tenho medo Dele. Não porque pudesse Ele infantilmente me castigar (castigo é coisa de homens). É um medo que vem do que me ultrapassa. E que é eu também. Porque é grande a minha grandeza. Não vivo perigosamente em fatos. Vivo em ex-



tremo perigo quando sozinho, caio em profunda meditação. É quando perigosamente fico isento até de Deus. E isento até de mim. (1978, p.129).

“Li o que havia escrito e de novo pensei: de que abismos violentos se alimenta a minha mais íntima intimidade, para que ela se negue de tal forma e fuja para o domínio das idéias?” (1978, p.53).

Este livro, estou desconfiado, também não me fará voar, apesar do desejo. Porque não se decide nessa matéria, nessa matéria vale o que acontece quando vindo do nada. Mas o pior é que já está gasto o pensamento da palavra. Cada palavra solta é um pensamento grudado a ela como unha e carne. (1978, p.70).

Aqui poderia ser travada uma difícilíssima discussão. Sabemos que a palavra não é a única forma de linguagem. Mas até que ponto sabemos? Outras linguagens significarão, mas teremos acesso a esses significados sem a linguagem articulada em palavras? Sem termos que fazer traduções, o que seria um paradoxo? A música, a pintura, a poesia, o cinema, o teatro tocam-me ou não, mas ao tocarem-me, fazem-no numa linguagem peculiar. E tocar-me é transmitir-me uma visão outra de mundo que só a essas outras linguagens é dada. É seu território. Pois essa visão outra sendo-me dada, não estarei eu sendo dela consciente de seus significados e sem a palavra? Consciência é só com palavra? Se assim aceitarmos, consciência igual a palavra, que tipo de percepções serão as transmitidas por outras vias? Sentimentos? Lispector (1978) diz: “Ângela tem mania de dar nome às coisas. Não sabe simplesmente senti-las sem pensar.” (p.107). Ela fala-nos ainda em pensar sem nenhum pensamento: “Quando eu penso sem nenhum pensamento - a isto chamo de meditação.” (p.70).

## **BLOCO B**

### ***Uma experiência com o silêncio pleno***

Nesta sessão, o analisando permanece todo o tempo em silêncio. É um paciente de nível intelectual e condição sócio-econômica muito bons. Já está em análise há cerca de três anos. É pontual e raramente falta

e, quando o faz, avisa, possibilitando a reposição na maior parte das vezes. É pessoa que valoriza o trabalho de análise. Sua pontualidade nas sessões é marcante. O trato que dispensa a seus afazeres é caracterizado por um cumprimento rígido, cobrando muito de si mesmo, o que o faz sentir-se “durinho e sem espontaneidade” No início de nosso trabalho, e por um bom tempo, o clima reinante era de guerra. Eu era visto como um perseguidor repleto de adjetivos desqualificativos. Lembro-me de que, numa dessas ocasiões, perguntei-lhe se não achava estranho ter-me como seu analista, achando-me tão desclassificado. Nesse dia, deitado no divã, virou-se para mim, torcendo o pescoço para trás e, numa entonação que passei a tomar como um importante referencial na minha relação com ele, perguntou-me: *“Luciano, você está me mandando embora?”* Essa manifestação enterneceu-me e penso que tal mobilização afetiva serviu-me de advertência, tornando-me mais tolerante às suas “más-criações”, mais continente às mesmas. Esse deve ter sido um marco em nosso trabalho. De lá para cá, muitas conquistas foram possíveis. Uma delas, outro referencial importante, tem sido sua realização de pai.

Uma característica que tem-me chamado a atenção é algo que se apresenta como se fora um aquecimento ou uma necessidade de ser despertado para a relação que estabelece comigo. Mantém-se em silêncio, no início do trabalho, ou fala por falar, no seu dizer, uma vez que sua vontade seria a de ficar calado, pois não vê qualquer importância em fazê-lo. No entanto, qualquer participação que eu tenha, bastando às vezes uma simples observação, desencadeia uma fala feita de muita energia, de muitas convicções, de muitas indagações, de tal forma que o tempo de sobra para tão poucas coisas torna-se tão pouco para tantas coisas. Principalmente quando esse despertar acontece no final da sessão. Outras vezes pareceu-me que exercia um controle sobre mim, ficando à espera do meu estímulo inicial, anunciando o rompimento do silêncio com um sorriso de triunfo. Algo como “vamos ver quem consegue ficar em silêncio mais tempo”, como se se tratasse de um jogo que medisse forças e em que o que fosse falado não tivesse a menor importância. Ainda hoje parece deliciar-se com o sentido que empresta às situações, usando minhas colocações como referencial para desenvolver teses, no entanto contrárias. Um duplo prazer: significar e discordar de mim. Esse discordar, tenho entendido como um exercício. Eu sirvo como um suporte. Ele precisa de

uma tese para desenvolver a própria que é um arremedo, feito ao contrário, uma espécie de antítese ou anti-tese. Mas um anti como o do adolescente rebelde que não é propriamente contra, no sentido de contrário, mas contra no sentido de diferenciar-se, de distinguir-se do outro.

Há algum tempo (e esse eu diria que foi um outro marco em nosso trabalho e muito doloroso para nós), resolvi calar-me e aguardar. É que seus freqüentes silêncios foram-se tornando instituições, com força cada vez maior de domínio, no meu entender. Foram como que se cristalizando, num jogo em que aguardava uma intervenção minha, qualquer que fosse, para sorrir um sorriso triunfante de satisfação. Era um riso complexo, pois trazia a par do triunfo algo de bom: a alegria de uma criança que recebe enfim a mamadeira, mas trazida em obediência a uma determinação sua, em resposta ao seu desejo controlador. E, como dizia, resolvi calar-me e aguardar. Faltando cerca de dez a quinze minutos para o término da sessão, após ter-se contorcido ansiosamente, diz que não adiantava mesmo. Que não teria sentido prosseguir o trabalho e procurava provar isso por A mais B. Lembro-me que fui invadido por uma enorme ansiedade, como se nada mais restasse, e ao poder conter essa vivência, disse-lhe que ainda tínhamos muito tempo para conversar e pensarmos o que estava acontecendo. Que estávamos vivos e não exterminados (como sua reação e a vivência que tive pareciam demonstrar). Após essa experiência, penso que passei a dosar meus silêncios, nem me intrometendo em seu silêncio, nem perdurando na espera. Deixava-o haver-se com o silêncio por um certo tempo e, ao percebê-lo mais ansioso - geralmente o silêncio que inicialmente vive tranquilamente vai-lhe gerando ansiedade crescente - ia em seu socorro, perguntando-lhe o que estava pensando ou sentindo, e então interpretava o que estava entendendo, quando isso era possível.

Atravessamos uma fase prolongada, em que os silêncios tornaram-se meras pontuações ou pausas em suas ativas e profícuas participações. A essa fase seguiu-se a atual, em que volta a reinar um silêncio que eu diria ameaçador, como aquele que quase pôs fim ao nosso trabalho. Minhas intervenções, diferentemente da primeira fase, já não eram mais recebidas com o sorriso de quem conseguiu o que queria; também não davam lugar a um crescente aquecimento. Penso que meu analisando

vem criando coragem para retomar aquele silêncio prolongado que eclodiu em crise. Por isso, cada vez que intervenho, procurando entender essas manifestações que vêm sendo crescentemente dominantes na atual fase, refuta-me. É como se quisesse dizer: “Deixe-me estar com meu silêncio” ou talvez ainda “Eu já posso permanecer em silêncio prolongado na sessão toda. Já sei que posso contar com você. Quero, pois, viver essa experiência.” Penso que foi isso que aconteceu na sessão de hoje, na qual nada conseguiu demovê-lo do silêncio. Depois de dez minutos, perguntei: “No que você está pensando?” Não respondeu, permanecendo em silêncio. Começo a pensar se ele estaria tendo alguma sensação, alguma emoção que impediria sua capacidade de pensar. Pensei em perguntar-lhe o que estaria sentindo, mas não me convenci de que isso pudesse mobilizá-lo. Ocorreu-me também que poderia estar sonhando acordado, mas não acreditei na eficácia dessa observação. Comecei a sentir-me incomodado com esse silêncio que ia ganhando espaço e se impondo em nosso encontro. Encontro? E meu analisando continuava firme em seu propósito. Propósito?

Numa outra ocasião recente, quando teve início essa situação que estou chamando de uma terceira fase na evolução dos seus silêncios, disse-me: “Nada do que você falou tem qualquer importância para mim” E, aconselhando-me, continuou: “Eu, se fosse analista, ficaria quieto” Entendi sua recomendação como: “Deixe que eu fique em paz com meu silêncio, não queira entendê-lo.” E tudo isso vinha-me à mente. No entanto, disse-lhe:

*A - Talvez você se mantenha em silêncio por achar que, falando, “contaminaria o campo”, pois poderia ser mal entendido, ao passo que calando-se, se apresentaria de uma forma mais propícia para o entendimento, pois este não seria turvado pelos mal-entendidos.*

O paciente permanece em silêncio e após cerca de quinze minutos, digo-lhe:

*A - Ou ainda seu silêncio poderá estar nos dizendo: “ O que eu digo é o que eu sei e que compreensão outra poderá existir para aquilo que eu*

*sei? O que eu digo é o que sei, e nada mais cabe no que eu sei. Prá que dizer então o que eu sei?"*

Continuou em silêncio. Após cinco minutos, prossigo:

*A - Talvez ainda esteja expressando, com o seu silêncio, as seguintes idéias: "Não adianta tentar induzir-me a falar. Não adianta me provocar que eu não vou falar. Você quer me impor a fala e eu lhe imporei o silêncio. Eu tenho o direito de ficar em silêncio e vou usar desse direito."*

Ao término da sessão, sua expressão facial, ao despedir-se de mim, era cordial e me pareceu que algo de bom pudesse ter ocorrido. Como se meu analisando tivesse se aprovado no teste a que se submeteu, saindo vencedor. Poder ficar em silêncio, sem que o desastre que marcou a segunda fase de silêncios se repetisse. É bem verdade que naquela vez eu me mantive em silêncio a maior parte do tempo, por ter entendido que intervir seria entrar no seu jogo. Chego a pensar se meu analisando não estaria querendo submeter-me ao mesmo silêncio que viveu de maneira tão dramática naquela ocasião já referida, para saber o que aconteceria comigo. E ver-me pensando, portanto não sucumbindo ao silêncio que me impôs, pode ter sido a constatação mais importante para ele. Talvez por isso seu sorriso fosse cordial, ao despedir-se de mim. Essa reflexão é a que mais me faz sentido, no momento.

## **BLOCO C**

### ***Silêncio-Vácuo***

#### ***O Processo Silencioso***

Há, na continuidade, uma série de sessões em que o paciente, após um teste em que sobrevive ao silêncio anteriormente descrito, declara guerra ao trabalho de análise. Sua arma é o silêncio. Mas um silêncio orquestrado, estruturado. Um verdadeiro processo silencioso. Animado pelo resultado já descrito, em que nosso trabalho tem continuidade e não

sucumbe ao silêncio imposto por ele, volta à carga. No entanto, é outra a natureza deste silêncio. Se o silêncio do teste, como o chamamos, era uma verificação do campo, da continência do analista, um exame do que aconteceria se nada restasse, uma indagação se a vida renasceria, o silêncio de agora é como o uso de armas destrutivas, pondo em campo todo o arsenal. Talvez seja o exercício do prazer sádico de destruição, mas com uma garantia de que a vida não será extinta, ou ainda o exame do real calibre de seu poder balístico. Assim é que, às minhas propostas de entendimento desse silêncio-atuação, rebate, ou com a continuação do silêncio e/ou com enorme desprezo e arrogância, dizendo que me vê debatendo-me, inquieto e sofrendo com o seu silêncio. Se a vida não será extinta, quer agora examinar o tamanho dos estragos. Numa dessas sessões, depois de vinte minutos de silêncio, perguntei-lhe no que estava pensando e ele me respondeu:

*P - Que tenho muitas coisas a fazer e estou aqui sem fazer nada. E estou me lembrando duma história: que um professor do Instituto Felix Pacheco perguntou a um aluno, após um silêncio, se este sabia quem foi Felix Pacheco. E o aluno disse que não sabia. E que o professor dissesse então. Mas o professor disse que não sabia e que viriam a saber com o passar do tempo.*

Esse momento despertou-me para o reconhecimento de algo novo que passou a incidir com maior frequência e clareza. Parece-me que, tendo havido a conquista desse espaço que sobreviveu e tem sobrevivido à ausência de significados e a ataques destrutivos, meu analisando alterna momentos de investidas hostis com “sonhos”

*A Você sonhava essa situação?*

*P Falar que eu sonhava é inadequado.*

Vêm sendo comuns ultimamente as correções que esse analisando faz às minhas propostas, construindo em cima das mesmas um repertório de argumentos, refutando o que lhe trago como contribuição. Reconheço também, com frequência, que nessas construções utiliza colocações por mim feitas já há algum tempo. Isso tem-me dado a idéia de que vai aos poucos apropriando-se do que lhe digo, usando aquilo que vem de minha pessoa como suporte para suas elaborações. Seu primeiro movimento é o de refutar, mas passam-se dias, às vezes meses e eis que surgem, que

emergem as formulações feitas, porém cobertas de construções ou espécies de construções suas. O modelo que me ocorre de pronto é o que nos é oferecido pelos objetos que caem no mar e que ressurgem todos cobertos, todos incrustados de mariscos. Suas produções-sonhos utilizam minhas colocações como os sonhos utilizam os restos diurnos. São mobiliários de seus sonhos, seus devaneios. E assim, penso que meu analisando vai fazendo a sua construção, o seu crescimento.

*A - O nome desse colégio sugere-lhe alguma coisa?*

*P Sim. Carteira de identidade e de motorista, pois é o lugar onde esses documentos são tirados.*

Digo-lhe que eu mais ele ali éramos o professor e o aluno e que poderia estar-se sentindo assediado por mim, ao fazer silêncio, porém não sabia o que se passava. E achava que eu também não sabia, mas que como o passar do tempo esclareceríamos. Lembro-me também que após esse silêncio referido de vinte minutos, eu entendi que ele poderia, através dessa sua posição, querer tirar-me a potência por achar-me possuidor de recursos que ele não teria. Hoje não faria mais essa interpretação. Re-lendo a sessão, creio que daria mais ênfase ao elã construtivo, até porque suas refutações convencem-me, principalmente ao perceber as coisas que eu lhe dizia cobertas com coisas suas, como a rebeldia de que pôde lançar mão para construir cada vez mais sua individualidade. O seu “não” é uma apropriação. Como se dissesse: “Não é seu não. Dá aqui” Ou ainda: “Não é seu não. Dá aqui que eu vou utilizar como suporte, como continente para as minhas coisas” E é por isso, acredito, que não aceita minha proposta, “agredindo-me” e fazendo valer a dele.

*P - Não o tenho como um ser superior, mas como uma pessoa qualquer.*

Penso ainda que esses momentos de silêncio-sonho ou devaneio são situações em que não há discriminação eu-não eu. São momentos de fusão em que meu analisando tenta retomar seu desenvolvimento, repetindo primitivas situações, onde teriam incidido suas maiores carências. Esses silêncios, pois, após uma seqüência de silêncios que tinham outra natureza, pertencem a uma fase em que “sonhar é preciso, relacionar-se não é preciso” Pois é esse sonhar que lhe dará a carteira de “identidade” e de “motorista” de si mesmo. Por isso dizia: o professor e o aluno, eu e ele, saberemos, com o passar do tempo, quem foi Felix Pacheco.

## BLOCO D

### *Silêncio e equilíbrio osmótico*

#### *Silêncio Caixas D'Água Niveladas*

Nesta sessão, após quinze minutos de silêncio, pergunto-lhe no que está pensando. Persiste o silêncio, mas noto que, ao fazer-lhe a pergunta, reage como se tivesse levado um pequeno susto, como quem estivesse dormindo e fosse cutucado.

*P - Eu não quero mesmo ter outro filho. Minha mãe, com conhecimento de causa, dizia à minha mulher que discorda de ter filhos com pequeno intervalo, pois que o importante é que os mesmos tomem um banho de pai e mãe. Penso que ela diz assim porque não proporcionou isso. Mas ela tem razão. Eu inundo meu filho de afetos. Ele só não se asfixia porque tem um eu forte. Fosse eu, teria me asfixiado.*

Lembro-me, nesse momento, de que na sessão anterior o modelo trazido pelo analisando era o de um sistema de caixas d'água com diferentes níveis. Era assim que dizia entender o nosso encontro e o silêncio. Haveria, segundo dizia, um fluxo da caixa de maior nível para a de menor, até que os níveis se igualassem. Quando isso acontecia, cessava o fluxo e estabelecia-se o silêncio. Naquela ocasião, disse-lhe que um tal modelo não discriminava eu dele mesmo e que por isso não podia relacionar-se comigo. Refutou energicamente minha proposta, dizendo que relação ele tem com o filho, com a família e não com a análise. Revendo esses momentos e o de agora, penso que aquele modelo das caixas d'água ou dos vasos comunicantes, como eu chamaria, é um modelo primitivo e ainda necessário para o analisando que faz questão de dar ênfase ao mesmo, quando diz que, na análise, “não há relação”, o que implica a idéia de que na análise o que precisa existir no momento é mesmo o sistema de vasos conectados, comunicantes, e não vasos separados, discriminados. Surge, pois, o mesmo modelo, porém com outro enunciado: a recomendação da necessidade de um banho de pai e mãe e uma advertência quanto à duração do mesmo. Também descreve sua carência, quando



diz: “Eu inundo o meu filho de afetos. Ele só não se asfixia porque tem um eu forte. Fosse eu, teria me asfixiado” É, pois, com o equilíbrio dos vasos comunicantes, situação necessária e que se expressa com o silêncio, que nascem suas possibilidades. Esses silêncios acompanhados de devaneios já vinham chamando minha atenção, assim como o sutil aspecto da necessidade de que eu também me mantivesse em silêncio, pois só aí se estabeleceria o tal equilíbrio, a situação propícia para os seus sonhos, uma espécie de tónus ou de adequada concentração osmótica, uma atmosfera única e de fusão formada por eu mais ele, num regime de vasos comunicantes. É em cima dessa concentração nivelada que pode construir, gerando sua própria concentração. Num dos comentários da sessão anterior, referi-me a impressões que tive de coisas minhas servir-lhe de suporte para tentativas suas, tendo que apropriar-se delas, como que roubá-las de mim, negando sempre a minha autoria. Talvez aqueles momentos registrassem o fluxo de mim para ele, precedendo o tal nivelamento que já agora possibilita seus sonhos. Nesses momentos, eu falar é romper esse equilíbrio, “asfixiando-o” Ele falar é romper esse mesmo equilíbrio, “esvaindo-se” Penso que esse estado é análogo ao que Winnicott chama de holding.

Disse-lhe, com alguma intuição do que hoje penso ver com maior clareza, aproximadamente o seguinte:

*A - O seu silêncio aqui comigo, estou entendendo de acordo com aquele modelo das caixas d'água que você referiu na sessão anterior. Que nós aqui, as caixas d'água, estamos nivelados, daí o silêncio, e que então podem surgir os devaneios que lhe possibilitam concentrar-se, fortalecer-se. E que sente necessidade de manter esse silêncio, esse equilíbrio, temendo rompê-lo, asfixiando-se, se me ouvir, e esvaindo-se, se falar.*

Lembro-me que por muitas vezes enaltece a vitalidade de seu filho que diz já ter opiniões próprias, inclusive rebelando-se contra certas ofertas de alimentos, recusando-os. E digo:

*A - Mas há outros momentos, quando se sente suficientemente consistente, em que pode participar ativamente de nosso encontro, aceitando o que lhe serve, discordando outras vezes. São os momentos em que pode realizar trocas comigo, momentos para os quais não serve o modelo dos vasos comunicantes.*

Entendo essa fase de silêncios como necessária para o “sonho integrador-reparador-concentrador” do seu eu. Esse modelo das caixas d’água não seria alusivo ao modelo intra-uterino (caixa d’água=bolsa d’água=líquido amniótico)?

“Se a voz de Deus se manifesta no silêncio, eu também me calo silencioso. Adeus.” (Lispector, 1978, p.162).

GODOY, L.M. Silences. *Psicologia USP*, São Paulo, v.10, n.1, p.239-57, 1999.

**Abstract:** Many are the experiences which are expressed through silences. Many are the silences. In Block A, silence denounces a pretreatment to another world, a fall into an abysm. In Block B, silence is a controlling factor, demanding the words of the analyst, a game where what is said does not have any importance what so ever. It emerges also as an expression of the analyst’s necessity to discriminate himself, and within his evolution the revision of a senseless state. In Block C, the silence is aggressive. As a response, the survival of the patient and of the analyst will create a place in which dreams will come up. Block D analyses these moments of dream-silence situations, where there aren’t any forms of self-non self discrimination.

*Index terms: Unconscious. Language. Psychoterapeutic processes. Psychoanalysis.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASSIRER, E. *Filosofia de las formas simbolicas*. México, Fondo de Cultura Economica, 1985. v.1
- FREUD, S. (1926). Inibições, sintomas e ansiedades. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. v.20, p.95-201.
- GUNTRIP, H. *El self en la teoría y la terapia psicoanalíticas*. Trad. Matilde Horne. Buenos Aires, Amorrortu, 1971.

## *Silêncios*

- KLEIN, M. *Obras completas III*. Trad. Hebe Friedenthal. Buenos Aires, Paidós-Horme, 1974.
- LANGER, S. *Filosofia em nova chance*: um estudo do simbolismo da razão, reto e arte. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- LISPECTOR, C. *Um sopro de vida*: pulsações. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978.
- MAHLER, M. *O processo de separação e individuação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.
- WINNICOTT, D.W. *Textos selecionados*: da pediatria à psicanálise. Trad. Jane Russo. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- WINNICOTT, D.W. *Tudo começa em casa*. Trad. Paulo Sandler. São Paulo, Martins Fontes, 1989.